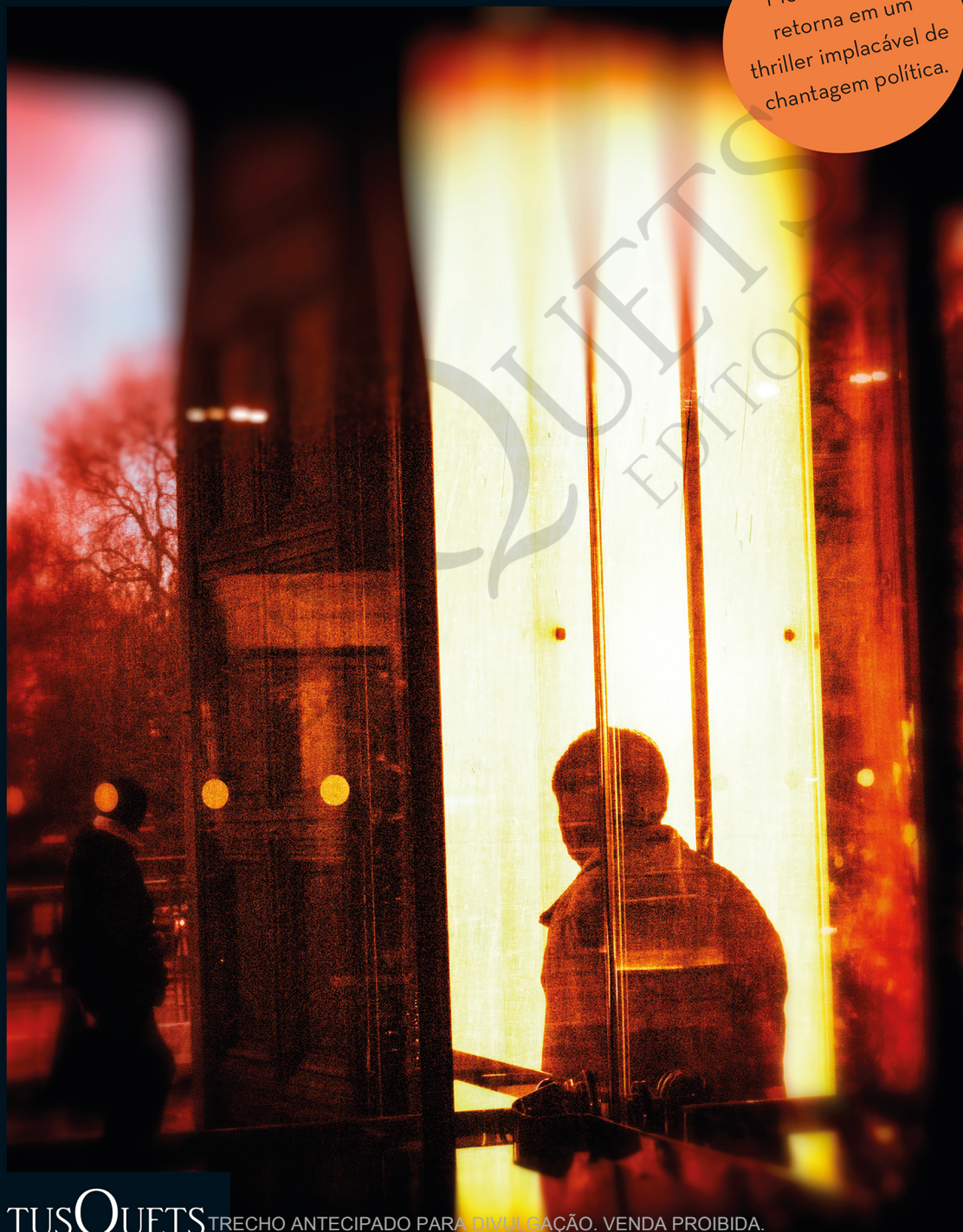


JAVIER CERCAS

INDEPENDÊNCIA

Melchor Marín
retorna em um
thriller implacável de
chantagem política.



TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

JAVIER CERCAS

INDEPENDÊNCIA

Tradução

Mariana Di Marcantonio

TUSQUETS
EDITORES

TRECHOS ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Javier Cercas, 2021
Copyright da tradução © Mariana Di Marcantonio, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Independencia. Terra alta II.*

Preparação: Thais Rimkus
Revisão: Wélida Muniz e Fernanda Guerriero Antunes
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Márcia Matos
Capa: adaptada do projeto gráfico original de Compañía
Fotografia de capa: Malcolm Brice / Arcangel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cercas, Javier
Independência / Javier Cercas; tradução de Mariana Di
Marcantonio. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.
304 p.

ISBN 978-85-422-3852-5
Título original: Independencia

1. Ficção espanhola I. Título II. Marcantonio, Mariana Di

25-3919CDD 863

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

17	PRIMEIRA PARTE
91	SEGUNDA PARTE
173	TERCEIRA PARTE
267	EPÍLOGO
301	NOTA DO AUTOR

1.

Melchor troca a água do vaso, substitui um ramalhete de flores que estavam murchas e limpa com um pano a lápide, na qual se lê: “Olga Ribera, Gandesa, 1978-2021”. Então, como faz a cada manhã de sábado nos últimos quatro anos (exceto quando está de plantão), passa um tempo ali, diante do túmulo da mulher, falando-lhe de Còsette e comentando os escassos acontecimentos da semana.

O cemitério fica ao pé de uma montanha, nos arredores de Gandesa, e Melchor só ouve os pássaros e, de vez em quando, o motor de um carro que serpenteia em direção à Vilalba dels Arcs e à Serra de La Fatarella, cuja crista se recorta à esquerda, contra o céu imaculadamente azul, salpicada de brancos moinhos de vento que giram com vagareza na calidez imóvel da manhã de julho.

Transcorrida meia hora, Melchor atravessa a bolsa pelo corpo e se afasta do túmulo. Passa ao lado do jazigo da família Adell, um suntuoso mausoléu de mármore preto jateado de branco, e sobe por uma ruazinha estreita, sombreada de ciprestes e ladeada de túmulos. Ao sair do cemitério, pega um caminho de terra e, pouco depois, desemboca na rotatória que leva à entrada de Gandesa. No centro da rotatória, sentada em um dos degraus sob uma cruz de pedra, ele não se surpreende ao reconhecer Rosa Adell.

— Estava pensando que nunca vou ao cemitério. — A mulher o cumprimenta.

Melchor se aproxima. Rosa está com uma regata azul-escura, uma calça marrom bem fina e sandálias que mostram seus pés pequenos, com as unhas pintadas de vermelho. Melchor não consegue ver seus olhos: estão escondidos atrás dos óculos escuros.

— E isso que minha família inteira está enterrada aí — acrescenta Rosa. — Eu deveria me sentir mal?

Pensando no mausoléu dos Adell, Melchor responde:

— Péssima.

— Está falando sério?

— Não. O que tem aí dentro não tem nada a ver com seus pais.

— E com Olga?

— Também não.

— Então por que continua a visitando?

Melchor dá de ombros. Rosa Adell o encara por um momento, até que faz uma expressão perplexa e, dando uma batidinha para tirar a poeira da calça, se levanta.

— E onde está Cosette? — pergunta.

— Na piscina. — Melchor aponta vagamente para um edifício a uns cinquenta metros, entre o corpo de bombeiros e o pavilhão de esportes. — Sai ao meio-dia.

Rosa consulta o relógio.

— Bem a tempo de tomar um café.

Eles se dirigem ao hotel Piqué, descendo pela avenida Joan Peruchó. Caminham em silêncio, como se o calor progressivo do sol os dissuadisse de falar, e em silêncio passam na frente do instituto de ensino médio Terra Alta e do falso neoclassicismo da fachada do juizado da comarca.

Nos últimos meses, os dois se viram com frequência, às vezes por pura coincidência, outras nem tanto, sempre ou quase sempre por causa de Rosa, que criou o hábito de esperá-lo aos sábados de manhã na saída do cemitério. Como todo mundo, Rosa ignora o verdadeiro papel desempenhado por Melchor na resolução do caso Adell, que quatro anos atrás sacudiu a calmaria da Terra Alta e desde então mantém na prisão Albert Ferrer, seu ex-marido, e Ernest Salom, ex-cabo da polícia, amigo íntimo de Ferrer e colega de Melchor. Embora Rosa tenha intuído, desde cedo, que a versão oficial dos fatos não batia completamente com a realidade

– e que Melchor escondia algo –, a verdade é que ela nunca teve coragem de confrontá-lo sobre isso. Na prática, eles quase nunca falavam do assunto, mesmo que tenham se conhecido justamente por causa dele. Na verdade, Melchor sabe pouco do impacto que o caso teve em Rosa. Que ela não viu mais o ex-marido depois do julgamento, por exemplo, ou que suas quatro filhas, ao descobrirem que o pai havia mandado matar os avós maternos, romperam completamente com ele. Fora isso, que Rosa Adell mora sozinha na chácara próximo a Corbera d'Ebre, onde, quatro anos antes, vivia com Albert Ferrer – suas filhas agora estudam ou trabalham em Barcelona –, e que tenta superar o assassinato dos pais e a condenação do marido dedicando-se à condução do império empresarial fundado do zero por seu pai, com a gráfica Adell à frente. Rosa trabalha muito, viaja bastante e costuma passar alguns fins de semana em Barcelona com as filhas, mas, de uns tempos para cá, quando está na Terra Alta, tem o hábito de ligar para Melchor – ou, mais recentemente, de buscá-lo na saída do cemitério.

Eles deixam a rodoviária para trás, atravessam a estrada e o terreno em frente ao hotel Piqué e entram na cafeteria, que àquela hora está ocupada por um grupo de turistas barulhentos no balcão, um casal de ciclistas e outro de idosos. Rosa se senta junto à janela voltada para o estacionamento, enquanto Melchor espera a vez no balcão. Quando finalmente é atendido, leva os dois cafés até a mesa.

— Ouvi dizer que os negócios vão bem — comenta Melchor, sentando-se de frente para Rosa.

No burburinho da cafeteria iluminada pelo sol, a mulher tira os óculos escuros e passa a olhar para o policial com seus olhos castanhos, serenos e amendoados, enquanto mexe o café.

— As notícias voam na Terra Alta — constata. — Soube de Medellín? Melchor assente.

— A ideia foi do senhor Grau — diz Rosa, em tom modesto. Uma sombra carmim brilha em seus lábios carnudos. — A Colômbia é um país que funciona muito bem, ideal para investir, e está sendo ótimo montar uma fábrica lá. Além do mais, Medellín é uma cidade maravilhosa.

— E como vai?

— Medellín?

— O senhor Grau. Faz tempo que não o vejo.

Rosa Adell semicerra os olhos, esboça um sorriso e toma um gole de café.

— Velho — diz, sem pesar. — Mas continua aí, sempre a postos. A verdade é que não imagino o que eu faria sem ele.

Melchor assente de novo. Logo lhe passa pela cabeça a imagem do eterno gerente da gráfica Adell: um idoso firme, pálido, culto e míope, de corpo franzino, cabelos ralos, sagaz para os negócios e que, aos noventa anos, continua indo todos os dias ao escritório no polo industrial La Plana, nos arredores de Gandesa – sempre impecavelmente vestido, embora cada vez mais corcunda –, ainda à frente do protagonista do império Adell. Por um instante, Melchor lembra um detalhe incômodo: esse exemplo de honradez empresarial e lealdade pessoal ao fundador da empresa, a quem dedicou toda a vida, havia sido o primeiro suspeito do assassinato dos pais de Rosa enquanto Salom e ele investigavam o caso Adell sob as ordens do subinspetor Gomà.

— Pois devia começar a imaginar — aconselha Melchor.

— Eu sei — admite Rosa, olhando através da janela. No estacionamento do hotel, protegidos do sol sob um pergolado de bambu, só há alguns carros e uma van; o tráfego na entrada de Gandesa é mínimo. — Aliás, hoje o senhor Grau vem almoçar na minha casa. Por que você e Cosette não nos acompanham? Tenho certeza de que ele vai adorar a companhia.

— Obrigado, mas não posso. Combinamos de ver um filme em casa. Além do mais — acrescenta, dando palmadas em sua bolsa, que pendurou num braço da cadeira ao se sentar —, tenho que trabalhar à tarde. — Rosa olha para a bolsa e então para Melchor, que esclarece: — São os originais do concurso literário.

A mulher sorri abertamente: um sorriso largo, luminoso.

— Então no fim o convenceram de fazer parte do júri.

Melchor afasta o olhar dela, mas não encontra onde pousá-lo.

— Pelo visto não havia opção e... — Aturdido, consciente de que a frase está se encaminhando na direção errada, começa outra: — E o pior não é isso.

— Ah, não?

— Não. O pior é que vou discursar na premiação. Me pediram para dizer umas palavras sobre leitura. Ou sobre literatura. Ou sobre meus romances favoritos. Algo assim.

— É uma boa ideia.

— Ótima. Só que nunca discurssei na vida.

— Não me diga que está com medo.

Melchor se vira outra vez para Rosa.

— Medo, não — confessa. — Pânico.

Ela ri com gosto.

— Deixa de bobeira, policial — diz. — Você fará um ótimo discurso.

— Claro.

— Estou falando sério. Quer que eu ajude a prepará-lo?

Nos olhos de Melchor reluz por um instante uma faísca de esperança, que se apaga assim que compreende que, apesar de seus protestos de que levasse a sério, a amiga está brincando.

Antes de Rosa lhe garantir que não está brincando, Melchor se levanta para pedir mais dois cafés. Um momento depois, regressa com eles e, embora se negue a voltar ao assunto do discurso, por algum tempo falam do concurso literário. Foi organizado pela biblioteca e pelo instituto, e o júri é composto de dois professores, um poeta local, a diretora da biblioteca e Melchor; a entrega dos prêmios está prevista para o início de setembro, durante a cerimônia de início do ano letivo. Melchor comenta um relato de ficção científica que acabou de ler e do qual gostou muito; resume o enredo para Rosa, que – apesar de não ser fã de ficção científica nem mesmo muito fã de literatura – concorda com ele. Também falam de uma proposta que Rosa recebeu do prefeito de Gandesa para ampliar a fábrica principal da gráfica Adell em La Plana e de uma viagem de trabalho que fará à filial de Timisoara, na Romênia. Depois discutem os planos para as férias: Rosa pretende levar as quatro filhas aos Estados Unidos por duas semanas, e Melchor, no começo de agosto, quer fazer o mesmo que no verão anterior, quando passou alguns dias com Cosette em Molina de Segura, na Múrcia, hospedados na casa da última amiga de sua mãe, Carmen Lucas, e de seu marido, Pepe.

— Vocês vão morrer de calor — prevê Rosa.

— No ano passado foi muito gostoso — replica Melchor. — Sabe do que Cosette mais gostou? De todas as amigas a chamarem de Cosé.

Rosa ainda ri quando toca o telefone de Melchor, que verifica quem é e deixa tocar.

— Não vai atender? — pergunta Rosa.

— É Viviales. Depois eu ligo para ele. — Agora é Melchor quem consulta seu relógio. — Cosette deve sair logo. Vamos?

Rosa Adell não sabe de Domingo Viviales muito mais do que sabe de Carmen e Pepe. Melchor o apresentou há algum tempo, durante uma de suas visitas a Gandesa, mas ela não entende a relação que une aqueles homens de idades tão díspares que poderiam muito bem ser pai e filho. De fato, uma das poucas coisas que sabe do advogado é que, como Carmen Lucas era amiga de sua mãe, Melchor herdou aquela amizade como quem herda um imóvel. O policial não lhe contou mais; ela, por sua vez, também não pergunta, porque a primeira regra implícita de sua amizade consiste na obrigação de administrar com extremo cuidado a intimidade de cada um.

Enquanto Rosa paga o que consumiram – eis outra regra de sua amizade: sempre, ou quase sempre, é ela quem paga –, chega uma mensagem ao celular de Melchor. É o sargento Blai, que não é mais sargento, e sim inspetor, e não está alocado na Terra Alta, e sim na central, no complexo Egara, arredores de Sabadell. “E aí, espanhol de merda?”, escreve Blai. “Por onde anda?” “No hotel Piqué”, responde Melchor. “Comendo uma gostosa?”, volta a escrever Blai. “He-he, brincadeira. Estou na casa dos meus sogros, temos que nos ver quanto antes. Hoje à tarde.”

— Tudo bem — diz Rosa Adell, juntando-se a Melchor na porta do hotel enquanto coloca os óculos escuros. — Responda a quem tiver que responder.

Cruzam o terreno e, enquanto esperam para atravessar a estrada, Melchor digita: “Não posso”. “Porra, cara, não quer mais saber dos amigos?”, responde imediatamente Blair, que em seguida volta a escrever: “Sério. Precisamos conversar. É urgente”. Estão voltando pela avenida Joan Perucho sob o sol escaldante do meio-dia.

— É trabalho? — indaga Rosa Adell.

Melchor assente.

— Nos fins de semana deixo o celular do trabalho no escritório — admite Rosa. — É importante?

— Com certeza não, mas parece.

Ao chegar perto do juizado, Melchor escreve outra vez: “Te ligo daqui a pouco”. “Não demore”, responde Blai. “Às sete tenho festa de família. Precisamos nos ver antes.” A resposta de Melchor é um emoticon de um joia amarelo.

Quando ele tira o olhar do celular, Rosa Adell tinha acabado de abrir a porta de seu carro.

— Tem certeza de que não quer almoçar em casa? — insiste.

— Tenho. Mande lembranças ao senhor Grau.

Eles se despedem com dois beijos no rosto.

Mudança de planos. Ao sair da piscina pública, Cosette pede para almoçar na casa da amiga Elisa Climent e passar a tarde com ela. Melchor, depois de conversar com a mãe da amiga e negociar com Cosette, acaba cedendo. “Busco você às seis”, avisa ele. Sozinho, pensa em ligar para Rosa Adell e almoçar com ela e o senhor Grau, mas logo descarta a ideia e segue em direção à praça. Passa o resto da manhã no terraço de um bar, tomando Coca-Cola e lendo vários dos contos inscritos no concurso literário. Marca com um “-” aqueles de que não gosta ou de que gosta pouco; com um + os que aprecia mais; e com ++ seus preferidos, para relê-los depois e escolher os vencedores.

Por volta das duas da tarde, volta para casa. Prepara uma salada com queijo e frutas secas e uma bisteca grelhada. Almoça na cozinha, empurrando a comida com a terceira Coca-Cola do sábado, enquanto, vez ou outra, lança um olhar para o assento vazio do outro lado da mesa, o lugar onde Olga costumava se sentar.

Quatro anos se passaram desde a tarde em que Olga morreu atropelada por um carro alugado na véspera por Albert Ferrer, em Tortosa. Durante os interrogatórios e no julgamento do caso Adell, Ferrer garantiu que não pretendia matá-la, queria apenas intimidar Melchor, forçá-lo a abandonar de vez a investigação do assassinato dos sogros, a qual ele decidira continuar por conta própria, mesmo depois de o caso ter sido oficialmente encerrado. Desde então, quase não houve dia em que Melchor não se lembrasse de Olga. Quando, por acaso, se esquece dela por um tempo, sente-se mal, mesmo sem saber exatamente por quê. Tentou, de forma obsessiva, reconstruir os três anos e meio que passaram juntos – semana a semana, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto –, mas nunca conseguiu. E às vezes tem sentimentos contraditórios sobre aquele período feliz em que, depois de chegar à Terra Alta, conheceu Olga, apaixonou-se, casaram-se e tiveram Cosette: por um

lado, tudo lhe parece irreal, como se fosse um filme ou um sonho; por outro, é como se fosse a única coisa realmente verdadeira que já viveu. Logo após a morte da esposa, todas as noites Melchor se perguntava o que Olga teria dito sobre tal ou tal coisa, mas, com esforço, ele se livrou desse tipo de tortura. No entanto, continua incapaz de falar sobre ela com qualquer pessoa – até mesmo com Cosette. Quando a filha, que mal tem lembranças da mãe, pergunta por ela, Melchor não sabe o que dizer e responde com evasivas.

Os primeiros meses sem Olga foram especialmente duros. Ele não conseguia tirar da cabeça sua morte nem deixar de sentir que a havia traído de alguma forma. Lera em algum lugar que enquanto dura o remorso, a culpa persiste, e o remorso ainda o corroía. Isso ajuda a explicar por que, alguns meses depois, ele decidiu deixar a Terra Alta. Tinha esperança de que sair daquele lugar, que se tornara sua pátria por causa de Olga, o ajudaria a superar a perda. Já haviam se passado cinco anos desde os atentados fundamentalistas islâmicos de 2017. Muitos colegas sabiam que fora Melchor quem matara quatro terroristas em Cambrils, e seus superiores o viam como um exemplo dentro da corporação. Pela primeira vez, ele usou essa posição a seu favor: ligou para o delegado Fuster e pediu transferência.

Fuster reagiu conforme o esperado. Não perguntou por que ele queria sair, apenas para onde queria ir. E a resposta foi previsível: Barcelona. Previsível porque, apesar de tanto tempo longe da capital, seguia sendo sua casa; a cidade onde nascera, de onde nunca havia saído até ser enviado à Terra Alta por segurança, como forma de evitar eventuais represálias fundamentalistas. Além disso, em Barcelona Melchor teria o apoio de Vivales, velho amigo e figura constante desde a morte da mãe, alguém que sem dúvida o ajudaria a criar Cosette. “Quer continuar trabalhando com investigação criminal?”, perguntou-lhe Fuster. “Não sei fazer outra coisa”, respondeu Melchor. “Deu sorte”, disse o delegado. “O chefe da DIC me contou que a Unidade de Sequestros e Extorsões precisa de gente. Que tal Egara?” “Espetacular”, respondeu Melchor, tão ansioso para sair da Terra Alta que se dispunha até a aceitar o pior trabalho na pior delegacia. “Mas atenção”, advertiu Fuster. “Não espere moleza. Vai trabalhar como um condenado.” “Perfeito”, disse ele.

E falava sério: a tranquilidade rural da Terra Alta, que fora tão benéfica quando Olga estava viva, agora o matava. Quanto mais puxado fosse o trabalho, melhor. Sabia também que Cosette era curiosa, energética e resiliente. Embora tivesse raízes na Terra Alta, ele acreditava que ela veria a mudança de cidade e escola como uma aventura. Além disso, adoraria ter Vivales por perto.

A Unidade Central de Sequestros e Extorsões integrava a Área Central de Investigação de Pessoas, subordinada à Divisão de Investigação Criminal (DIC). Quando Melchor entrou, logo percebeu que não era exagero de Fuster: era mesmo uma unidade exigente. O que Fuster não lhe dissera era que também era uma unidade singular. Na época, era composta por doze pessoas (nove homens e três mulheres) e comandada pelo sargento Vázquez – quarentão careca, musculoso, hiperativo, com ares de bulldog e fama de policial rígido e briguento. Embora vivesse reclamando da falta de pessoal, Vázquez tinha razão: a unidade operava vinte e quatro horas por dia, durante todo o ano, em todo o território catalão. Ainda assim, o que realmente a tornava única era o sigilo absoluto: quanto menos gente soubesse de uma investigação, maiores eram as chances de ela ser bem-sucedida. Melchor aprendeu isso de cara. Também se viu forçado a uma especialização acelerada: já nos primeiros meses, fez quatro cursos – de negociação, sequestros, crime organizado e investigação avançada. Eram cursos exclusivos, sem documentação escrita e com exigência de sigilo total. “Se os bandidos souberem como agimos, estamos ferrados”, dizia Vázquez. “Lá fora, silêncio absoluto. Como disse um sábio: o silêncio é invencível.”

Por meses, Melchor mergulhou no novo trabalho. Dedicava-se à filha, lia romances (inclusive para Cosette) e mantinha o apoio constante de Vivales. Cosette se adaptou à capital com a facilidade que ele previra. Melchor sabia que ela sentia falta da Terra Alta, mas nunca a ouviu dizer isso, e ele próprio também sentia falta de vez em quando. Logo percebeu, porém, que não importava quanto trabalhasse ou quanto se distanciasse de lá, nunca tiraria a morte de Olga da cabeça. Aceitou que teria que conviver com essa lembrança amarga para sempre.

Para sua surpresa, voltar a Barcelona despertou outra memória tão dolorosa quanto a da morte de Olga, mas que havia permanecido recalcada por anos: o assassinato de sua mãe. Enquanto morou na

Terra Alta, pensava nela de vez em quando, mas quase nunca em sua morte. Isso porque, antes de se mudar para lá, tinha feito sua última tentativa obsessiva de elucidar o crime: descobrira o nome da mulher que estava com sua mãe na noite do assassinato: Carmen Lucas. Localizara-a em Múrcia, interrogara-a por dois dias e saíra de mãos vazias. Convencera-se, enfim, de que o crime jamais seria esclarecido. Mas agora a lembrança voltava, intensa e teimosa. Como se, ao retornar a Barcelona, reencontrasse todas as imagens atrozes: a mãe se prostituindo nos arredores do Camp Nou com Carmen Lucas e outras companheiras de infortúnio, o carro suspeito – talvez um BMW marrom, talvez um Volkswagen escuro ou um Skoda preto, segundo relatos –, a recusa inicial em entrar, a aceitação depois de uma noite sem clientes, o corpo encontrado na manhã seguinte com o crânio esfaqueado por pedradas. Todas essas memórias compunham uma única lembrança lacerante. Em resumo, fugira da Terra Alta para escapar de um crime resolvido e agora estava preso a dois: um resolvido, outro insolúvel.

Quando entendeu que por mais que quisesse se livrar de suas piores lembranças, elas não queriam se livrar dele, decidiu voltar à Terra Alta. Esperou o fim do ano letivo para pedir a transferência – o que coincidiu com o tempo de um caso que, na prática, desmantelou a Unidade de Sequestros e Extorsões.

Tratava-se do sequestro da filha de um narcotraficante venezuelano que vivia com a família em um chalé em Empuriabrava, povoado litorâneo perto da fronteira francesa. A menina, de cinco anos, fora raptada por uma gangue rival e, durante as negociações, o pai recebeu em casa três dedinhos decepados da garota. A equipe inteira foi mobilizada. Vázquez, o negociador principal, localizou a suposta prisão da menina num depósito perto de Molins de Rei. Montou-se um resgate com oitenta agentes, mas fracassou. Houve três presos e um morto, e não salvaram a criança. A lembrança mais vívida que Melchor guardava era de Vázquez sentado no chão de cimento, com a cabeça decepada da menina no colo, olhos arregalados, tremendo e gritando como um louco.

Tiveram que arrancar a cabeça de suas mãos. Naquele mesmo dia, Vázquez foi internado num hospital, de onde saiu depois de uma semana – e não para voltar à Sequestros e Extorsões, mas com destino à delegacia de Seu d’Urgell, nos Pirineus de Lérida, sua cidade

natal. Melchor soube disso tudo aos poucos, já de volta à Terra Alta. Não voltou a sair dali nos anos seguintes, período em que se dedicou à filha e ao trabalho na delegacia. Em seu vasto tempo livre, ajudava na biblioteca em que Olga havia trabalhado e cursava informação e documentação na Universitat Oberta de Catalunya. Além disso, continuava lendo romances, embora, desde a morte de Olga, evitasse reler *Os miseráveis*, que fora seu livro favorito, seu espelho e sua arma contra a vida. Tinha sido, porém, incapaz de livrar-se de outro vício – este, mais ou menos secreto: todo homem denunciado por bater numa mulher na Terra Alta acabava levando uma surra. E todos na delegacia sabiam quem batia –, e sabiam que deviam fazer vista grossa.

Ao terminar de almoçar, lava a louça, prepara um café e continua lendo manuscritos sentado no sofá da sala. Às cinco, com pontualidade profissional, aparece o inspetor Blai.

— Essas mulheres da Terra Alta são um saco. — É a primeira coisa que diz, acaloradamente, ao entrar na casa de Melchor. — Não há modo de tirá-las daqui.

Trata-se da mesma reclamação que Melchor ouviu o antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta proferir mil vezes desde que foi para Barcelona: que sua mulher não se acostuma a morar longe dali e que, por essa razão, todo fim de semana a família volta para a casa dos pais dela, em La Pobla de Massaluca. Melchor oferece um café ao amigo. Blai aceita e, enquanto Melchor o prepara, continua reclamando, com seu corpanzil apoiado no batente da porta da cozinha.

— Eu passo a semana toda trabalhando como um condenado e, assim que chega o fim de semana, hora de pegar o carro e se mandar por essas estradas abandonadas da mão de Deus para chegar quanto antes à Terra Alta, como se o mundo fosse acabar. E então, em vez de descansar como todo mundo, lá estou eu de novo sábado e domingo, serra acima, serra abaixo, para que as crianças conheçam a terra da mãe e não percam suas raízes. Que se fodam as raízes: quando morávamos aqui, ninguém se importava com as raízes, a começar por minha mulher. E isso sem contar a overdose de sogros que estou tendo, claro. Das crianças, nem te conto: estão insuportáveis. A propósito, por onde anda Cosette?

— Na casa de uma amiga.

— Está bem?

— Muito bem.

— E você?

— Eu também.

— Vamos, cara, me dê uma boa notícia, vai. Me diz que arrumou uma namorada. Alegre meu dia, estou precisando. E vou te dar um conselho: se arrumar uma namorada, que não seja da Terra Alta. Depois não consegue tirá-la daqui.

— Você deveria voltar — aconselha Melchor. — Aliás, ficou sabendo que estamos sem chefe desde maio, né?

— Se fiquei sabendo?

A cafeteira termina de moer o café num rangido de cascalho triturado e, antes de apertar o botão para o líquido jorrar dos tubinhos de aço inox, Melchor se vira para Blai, que estava mais perto.

— Consegue guardar um segredo? — pergunta o inspetor.

Melchor acabou de ler um romance de G. K. Chesterton no qual um personagem faz ao outro essa mesma pergunta e a resposta é: “Se você não é capaz de guardar esse segredo, como quer que eu guarde?”. Mas não quer irritar o amigo, então diz:

— Claro.

— Me ofereceram o cargo.

— De chefe da delegacia?

Blai assente com uma expressão pesarosa. Melchor pergunta:

— E o que você respondeu?

— O que quer que eu responda? — bufa, gesticulando. — Com o trabalho que deu sair desse buraco...

É verdade. Dois anos e meio antes, sendo ainda sargento e chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta, Blai passou num concurso para inspetor do qual havia participado por conselho de seus superiores, que consideravam que a organização podia se beneficiar da aura de ás da investigação criminal que o rodeava, graças às numerosas aparições nas rádios e na televisão devido à resolução do caso Adell, pela qual a opinião pública o tinha como responsável. E assim seguiu, uma vez que nem Blai nem ninguém na delegacia da Terra Alta teve o menor interesse em desmentir essa versão. No início, esse equívoco deixou Melchor um

pouco incomodado, porque pensava que no fundo Blai se consideraria um impostor, mas deixou de se preocupar assim que compreendeu que, depois de contar inúmeras vezes em público, com riqueza de detalhes, como havia solucionado o caso Adell, seu antigo chefe tinha esquecido por completo a realidade e, exceto quando recordava o caso a sós com Melchor, parecia convencido de que havia sido ele mesmo, não Melchor, quem identificara os responsáveis pelo triplo assassinato.

Blai insiste para o amigo guardar o segredo que acabava de lhe confiar (“Faça-me esse favor, hein, espanhol de merda. Você não sabe como minha mulher é... Se souber que recusei esse cargo, corta meus ovos”) e continua se lamentando da vida dividida entre Barcelona e a Terra Alta. Até que Melchor lhe entrega a xícara de café e lhe indica a cadeira de Olga, então ele se senta e pergunta:

— Sabe qual é a única coisa boa nessa merda toda?

Melchor adivinha a resposta porque conhece seu antigo chefe tão bem quanto o antigo chefe o conhece.

— O quê? — pergunta, ainda assim.

O que alivia Blai de seus contratempos familiares não é, como Melchor já sabe, que os mandachuvas que o animaram a participar do concurso e lhe prometeram ajuda tenham cumprido sua palavra e o promovido a inspetor, tampouco o fato de ter obtido essa promoção pulando um nível do escalão e sem passar pelo cargo de subinspetor ou de, apesar daquele arranjo escandaloso, não ter demorado para demonstrar que, fossem quais fossem seus méritos reais, é um profissional competente e merecia a promoção, a ponto de, não muito depois de ter sido promovido, passar a dirigir a Área Central de Investigação de Pessoas e na central de Egara, onde sempre havia sonhado trabalhar, porque é o lugar em que se dispõe de todos os recursos e se tomam todas as decisões relevantes.

Não. A compensação de Blai é outra.

— Cruzar todos os dias com Gomà — proclama o inspetor, levando a xícara aos lábios, saboreando mais o café que a frase que acaba de pronunciar. Os dois policiais se sentaram frente a frente, um em cada ponta da mesa em que restam vários ingredientes do café da manhã habitual de Cosette: uma caixa de cereais Kellogg’s e um pacote de biscoitos de milho com chocolate divulgadas por um cozinheiro de programa

de televisão. Ainda com a xícara na mão, a expressão de Blai é de felicidade. — Encontrar com ele pelos corredores, nas reuniões, tomar um café ao lado dele — enumera. — Deus, que prazer. Quem teria imaginado isso há quatro anos, hein? Quem diria que o mesmo sargento que ele teve a petulância de afastar do caso Adell para desfrutar sozinho da glória do triunfo seria agora seu superior em Egara e ele continuaria sendo um maldito subinspetor, porque reprovou nos concursos em que passei? E quem diria que isso lhe aconteceria precisamente por me afastar do caso Adell, porque ele foi incapaz de resolvê-lo e eu tive que livrar a dele? Claro, claro, sei que você vai dizer que não fui promovido só por resolver o caso Adell, que antes do caso Adell eu já tinha méritos suficientes para ser inspetor, mas... Olha as voltas que a vida dá, não é, espanhol de merda? E, a propósito, ficou sabendo do Salom?

Melchor levanta o olhar antes pousado na toalha plástica xadrez e examina Blai.

— Não sei nada do Salom — reconhece.

Blai não parece surpreso; toma o café de um só gole e pausa a xícara no pires. Está prestes a completar meio século de idade e, ainda que não exiba um único fio de cabelo, seu corpo sem gordura e sua musculatura de rato de academia fazem que aparente dez ou quinze anos menos; mede um metro e noventa, usa roupa esportiva bem justa e seus olhos azuis se cravam sem contemplações no interlocutor.

— Você acabou não indo vê-lo na Quatre Camins, certo? — pergunta. Melchor faz que não com a cabeça.

— Não seja rancoroso. Afinal, ele foi seu melhor amigo.

— Não sou rancoroso. Simplesmente não tenho nada para dizer a ele.

— Mas ele, sim, tinha algo a lhe dizer. Por isso me pediu que fosse.

Acho que queria se desculpar.

— Já se desculpou.

— Queria se desculpar de verdade. Está arrependido. — Blai faz uma pausa um pouco teatral. — Todos nós erramos, não?

Melchor sorri.

— Vai me dar um sermão?

— Vá à merda, espanhol.

Melchor mantém o sorriso enquanto os dois homens se observam por um segundo. Nesse momento, vozes estridentes de crianças

chegam da rua Costumà, e Melchor se pergunta se Blai quis vê-lo com tanta urgência só para falar do antigo cabo.

— O que aconteceu com Salom? — pergunta.

— Nada — responde o inspetor. — Outro dia encontrei o juiz de vigilância penitenciária que se encarrega dele e me disse que diminuiram sua pena outra vez. Em alguns anos estará na rua. Talvez antes.

As vozes das crianças se apagaram, e um silêncio embaraçoso toma conta da cozinha.

— Fico feliz por ele — diz Melchor. — E por suas filhas.

— Tem as visto?

— De vez em quando, principalmente Claudia. Dá aulas no instituto. — Após uma pausa, completa: — Mas nenhuma das duas me cumprimenta.

Blai suspira, move a cabeça de um lado para o outro, estala a língua.

— Normal, não acha? — reflete. Subitamente, as vozes das crianças voltam a animar a sonolência da tarde. — A mãe morta, o pai na cadeia e todos os sonhos na lata de lixo. Aos vinte e poucos anos. É a mesma história de sempre na Terra Alta, por isso eu quis ir embora daqui... Ferraram a vida delas.

— Nós ferramos a vida delas. Ou acabamos de ferrar.

— Cala a boca. Quem ferrou foi o pai delas, por ter feito o que não devia.

— Pode ser, mas quem o processou fomos nós. Além do mais, o que ele fez, fez por elas. E nós sabemos disso.

— Ele fez o quê? Ajudou o imbecil do Ferrer a matar os Adell? Ele fez isso pelas filhas? Qual é, cara! Ele fez isso porque quis, porque a cobiça não se farta, ou como quer que se diga.

— Há um minuto você o estava defendendo.

— Uma coisa é defender, outra coisa é afirmar que a pessoa não é responsável por seus atos. Veja, não sei por que ele fez o que fez, mas a questão é que fez. Acho bom que tenha se arrependido, mas fez. E ponto. — Um pouco irritado, Blai desvia o olhar de Melchor; mas em seguida volta a fitá-lo, de repente curioso: — Ei, você não está arrependido de tê-lo processado, não é?

Com um gesto desanimado, Melchor coloca a caixa de Kellog's encostada na parede e se levanta.

— Chega de tanto arrependimento — pede. — Outro café?

Blai concorda, e Melchor liga a cafeteira de novo. Enquanto a cozinha volta a se preencher com o som de grãos moídos, Melchor se pergunta se Blai estará ansioso com a saída de Salom da prisão.

— Era isso o que queria tanto me contar? — pergunta.

— Não — diz com voz distinta o inspetor, levantando-se outra vez e dando alguns passos pela cozinha. — Vim porque estou com um problema.

Melchor espera a cafeteira terminar de moer o café, coloca uma xícara sob os dois tubinhos de aço inox, aperta o botão luminoso e de cada um dos tubinhos brota um jato do líquido escuro.

— Que problema? — pergunta, sem se virar.

— Eu conto se você prometer que vai me ajudar.

Os dois tubinhos deixam de jorrar, Melchor retira a xícara com café pela metade, coloca no lugar uma xícara vazia e volta a apertar o botão.

— Quer ajuda com um caso?

— Isso.

— Quer que eu volte a Sequestros e Extorsões?

— Sim. Só por uns dias, o suficiente para resolver o assunto.

Na cozinha paira outra vez o silêncio, desta vez sobreposto pelo zumbido eletrônico da cafeteira, que continua servindo café. Faz tempo que não se ouvem as crianças.

— Não vou te ajudar — diz Melchor. — Estou de saída. Além do mais, não conheço mais ninguém lá.

— Você está enganado. Vázquez voltou.

Melchor se vira para ele, arqueando a sobrancelha de forma inquisitiva.

— Faz quase um ano — explica Blai. — O novo delegado de investigação criminal o convenceu. Não foi tão difícil, pois parece que na Seu d'Urgell estava morrendo de tédio.

— Você não tinha me contado.

— Você não tinha perguntado.

Melchor faz um gesto difuso de aprovação e volta a dar as costas ao inspetor.

— Bom, fico feliz, porque significa que não precisa de mim — raciocina. — Vázquez é muito bom.

— Eu sei, mas é completamente louco. Você o conhece: faz o que tem vontade. Não posso confiar nele, ao menos não para esse caso. É por isso que preciso de você.

— Esquece.

— Por pouco tempo, com sorte em uma semana liquidamos o assunto. Além do mais, eu já disse a Vázquez que você vai. Ele adorou.

— Você mentiu para ele.

— Fala sério, espanhol de merda.

— Estou falando sério. Não adianta insistir: pode procurar outra pessoa.

Blai reclama, xinga, bufa. O café está pronto, e Melchor passa alguns segundos oferecendo a meia xícara de café ao colega, que não parece disposto a pegá-la, como se essa recusa representasse outra. Por fim, parece se render, pega a xícara, toma um gole, depois outro; ao fim, pergunta:

— O que quis dizer com “está de saída”? — Seu tom confiante não engana Melchor: Blai não se rendeu; só mudou de estratégia. — Está pensando em se aposentar ou o quê?

Também com a xícara na mão, Melchor responde:

— Mais ou menos. Assim que abrirem uma vaga na biblioteca, eu me candidato e deixo a delegacia.

Blai olha para Melchor como se ele tivesse acabado de lhe comunicar que vai se submeter a uma operação de mudança de sexo.

— Você está doido?

Melchor toma o café de um gole só, deixa a xícara na pia e tira a cafeteira da tomada.

— Pensei que tivesse te contado que estava estudando biblioteconomia na UOC.

— Sim, mas...

— Na verdade, nem preciso me formar. Bom, só para ser diretor de biblioteca. Então, assim que sair uma vaga de ajudante de bibliotecário, eu me candidato. Vou ganhar menos que na delegacia, mas é suficiente. Cosette e eu nos viramos com pouco.

Blai continua boquiaberto.

— Está de brincadeira comigo, não está?

— Não — diz Melchor.

No semblante de Blai, a irritação se junta à incredulidade.

— Você ficou louco, cara — sentencia, balançando a cabeça. — Bibliotecário? Você? Em que está pensando? Substituir Olga ou o quê?

— Claro que não — responde Melchor. — Que ideia!

— Me desculpe por te lembrar, rapaz — continua Blai, como se não tivesse ouvido o amigo. — Sua mulher está morta, morreu há quatro anos, entenda de uma vez por todas. — Embora Melchor queira intervir, não consegue. Blai está abalado. — Além do mais, você não vai aguentar viver fora da delegacia. Uma coisa é colaborar na biblioteca de vez em quando, outra é passar o dia inteiro ali, organizando livros, atendendo a idosos, lendo para as crianças e levando os romances até a piscina numa carroça para ver se despertam a vontade de ler nuns adolescentes que só pensam em sexo. E eu sei o que falo, tenho vários em casa. Enfim, você não aguenta nem uma semana. Ou meu nome não é Blai. Você é o policial mais policial que eu já vi na vida, cara!

— Não mais — consegue interromper Melchor. — Isso foi antes.

— Ah, é? Agora vocação passa com o tempo, como conjuntivite?

— Vocação é uma invenção, Blai.

— Invenção? Fala sério.

Ainda na cozinha, de pé ao lado da bancada de mármore, os dois policiais se entreolham por um momento. Blai tem os punhos cerrados, os antebraços trêmulos e a mandíbula a ponto de arrebentar, como é costume quando se irrita. Por sua vez, Melchor sente o que sempre acaba sentindo quando, de uns tempos para cá, conversa com o antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta: saudade de suas birras.

— Toma logo — aconselha. — Vai esfriar.

Frustrado e desgostoso, sem saber o que acrescentar à reprimenda, Blai termina seu café, e Melchor olha para o relógio em forma de maçã pendurado na parede da cozinha. Passa das seis.

— Vou buscar Cosette — anuncia. — Quer ir junto?

Blai segura o braço de Melchor.

— Sabe por que preciso de sua ajuda?

O café não relaxou Blai: sua mão parece uma garra.

— Porque não confio em ninguém — responde a si mesmo, buscando com angústia os olhos de Melchor. — Aquilo lá está cheio de bacanas e sebosos; policiais de verdade tem poucos. Além do mais, peguei um caso importante. Importante, não, excepcional. E preciso com urgência resolver um caso excepcional. Meus chefes estão começando a pensar que se enganaram comigo. Não dizem isso, mas eu sei. Essas

coisas se notam, Melchor. É como quando sua mulher está dando para outro. Começam a se perguntar se o caso Adell não foi um golpe de sorte, se sou uma farsa. Estou preocupado. Você entende, não é?

— Pois não deveria estar — opina Melchor.

De repente o olhar de Blai se transforma: já não é de angústia, mas de curiosidade, de genuína curiosidade.

— Você acha? — pergunta.

— Claro — responde Melchor. — Você sempre foi um policial muito bom.

O elogio o infla como um pavão, mas Blai tenta disfarçar.

— Sei, sei — diz.

Melchor compreende que a vaidade do amigo não tem fim nem nunca terá.

— Além do mais — acrescenta, decidido a não inflar mais seu ego —, se o mandam embora de Egara, você pode voltar para cá. E assim acabam os problemas familiares.

Como se tivesse levado um choque, Blai solta o braço de Melchor, que sorri com os olhos, mas não com os lábios.

— Sabe de uma coisa, espanhol de merda? — pergunta o antigo chefe da Unidade de Investigação da Terra Alta, voltando a sacudir a cabeça e estalar a língua. — Quando você menos esperar, vou quebrar sua cara.

Os dois homens saem juntos para a rua Costumà, onde não há rastros das crianças. Encarando um dos dias mais quentes, dirigem-se à igreja sem cruzar com ninguém, atravessam a praça, contornam a rotatória de La Farola e continuam pela avenida de Catalunya. Retomaram vagamente a conversa sobre Sequestros e Extorsões, porque Melchor perguntou por Vázquez.

— Ele não para — define Blai, que continua: — Na sua época ele passava o dia amaldiçoando tudo porque faltava gente?

— Sim — responde Melchor.

— Pois agora também — diz Blai.

Pouco antes de chegar ao hotel Piqué, eles viram à direita. O telefone de Melchor volta a tocar: outra vez Vives. Melchor não o atende e, quando já estão quase chegando à casa de Elisa Climent, Blai tenta de novo e lhe pergunta, num tom de ofendida incredulidade, se não vai

mesmo ajudar. Melchor não estranha: passou tempo suficiente como funcionário de Blai para saber que, se o inspetor ainda está ali, indo junto buscar Cosette, é porque confia em sua capacidade de chantage, seus dotes de persuasão, porque continua sem se dar por vencido. Pararam sob o toldo de uma mercearia aberta.

— É o último favor que eu te peço — insiste Blai, e sua voz soa estridente demais no silêncio sabatino das ruas esvaziadas pelo calor. — O último. Pense que também será seu último caso de verdade, se essa história de biblioteca for sério mesmo. Você vem por alguns dias a Barcelona a trabalho, com Cosette, depois volta para ficar com seus idosos e suas crianças.

Melchor pensa que Blai não disse nada absurdo, que não está lhe pedindo nada de outro mundo. Nos olhos de seu amigo há um brilho de súplica.

— Não tem nem curiosidade de saber do que se trata?

— Do que se trata?

Assim que se ouve formular a pergunta, Melchor sabe que se enganou, mas não encontra maneira de voltar atrás. Ou não quer fazer isso. Tampouco pode, porque Blai se apressa a afirmar:

— Estão chantageando a prefeita de Barcelona.

São pouco mais de seis da tarde quando chegam à casa de Elisa Climent para buscar Cosette. Blai os acompanha de volta ao centro: deixou o carro perto da praça, ao lado da Prefeitura. Ali se despedem; ao chegar em casa, Cosette vai ver um filme na televisão e Melchor prepara o jantar. Enquanto comem, terminam de ver o filme, que era sobre umas crianças que montam uma banda de rock com a professora de sua escola rural, fazem sucesso, se decepcionam, brigam entre si, se reconciliam e acabam voltando ao povoado, onde os espera a professora, que continua ali na escola, dando aula para seus antigos colegas. Quando termina, tiram a mesa e levam tudo para a cozinha.

Melchor lava e enxágua a louça enquanto a filha se troca no quarto, veste a camisola e se enfia na cama. Uma vez que termina de arrumar a cozinha, Melchor se deita ao lado de Cosette e, como toda noite, lê um pouco para ela. Estão há alguns dias com *Miguel Strogoff*, de Júlio Verne, e chegaram ao trecho em que o mensageiro do tsar – que viaja

para Irkutsk sob a falsa identidade do comerciante Nicolas Korpanoff com a missão de resguardar o governador, irmão do tsar, da traição do ex-coronel Ivan Ogareff – encontra sua mãe em Omsk, sua cidade natal, após ter conhecido Nádia Fédor e se apaixonado por ela. A história entretém completamente Cosette, mas, ao terminar um capítulo, a menina reconhece:

— Tem uma coisa que não entendo, papai.

— Que coisa?

— Se é tão perigoso chegar a Irkutsk e avisar o irmão do tsar, por que Miguel faz isso?

— Porque é o dever dele: o tsar lhe encarregou disso.

— Isso eu entendi. Mas é uma missão muito perigosa. Os tártaros podem pegá-lo, e, se o pegarem, o matarão. Por que não vai embora com Nádia e com a mãe dele e se casa com Nádia?

— Porque não pode.

— Por que não pode?

— Porque não. As pessoas têm que fazer o que têm que fazer. E Miguel é mensageiro do tsar e deve avisar o irmão dele.

— Sim, mas por que é Miguel quem tem que ir? Por que não pode ser outra pessoa?

— Eu já te disse: porque o tsar o encarregou disso.

— E por que ele?

Melchor reflete, tentando não perder a paciência. Não é a primeira conversa desse tipo entre os dois. Antes de ter uma filha, ele já tinha ouvido que as crianças fazem perguntas desconfortáveis, mas só quando a teve descobriu que essas perguntas eram as melhores e as mais difíceis de responder. Após vários segundos, arrisca uma resposta:

— Porque o Miguel é o melhor mensageiro que ele tem.

— Você acha que o Miguel é o melhor mensageiro do tsar?

— Claro. Se não fosse, por que o tsar teria dado a missão a ele?

Cosette fica pensativa, como se achasse fraco o argumento do pai, o qual, de todo modo, não parece convencê-la por completo. Melchor se dispõe a prosseguir com a leitura, mas hesita. Nota o corpo da filha junto a ele, morno e familiar, e vê o perfil de seu rostinho bronzeado contra a brancura da parede. Cosette se vira para Melchor e olha para ele com seus grandes olhos castanhos.

— Talvez seja porque ninguém queira a missão — arrisca.

— Levar a mensagem?

A menina assente.

— Pode ser — concorda o pai. — E se Miguel não levar a mensagem, ninguém a leva. E se ninguém a levar, os maus vencem. E você não quer que os maus vençam, não é?

Cosette faz que não, com uma ênfase escandalizada. Após alguns segundos, retoma o interrogatório:

— Foi por isso que virou policial? Para os maus não vencerem?

Pego outra vez de surpresa, Melchor se lembra de Javert, o policial que persegue Jean Valjean em *Os miseráveis*, e recorda também o que o romance de Victor Hugo despertou nele, quando o leu pela primeira vez, sendo ainda detento na penitenciária de Quatre Camins, um furioso desejo de ser policial, para encontrar os assassinos de sua mãe. Lembra-se ainda de um amanhecer no bairro La Barceloneta, depois de um mag-nata mexicano nascido na Terra Alta lhe relevar, ao longo de uma ma-drugada que pareceu eterna, as razões pelas quais, com a ajuda de Albert Ferrer e de Salom, havia encomendado o assassinato de Francisco Adell; e lembra que na manhã seguinte sentiu se dissolver na água gelada do Mediterrâneo o fantasma de Javert, como se fosse o fantasma do pai que nunca conheceu. Agora a pergunta de sua filha o obriga a se questionar se Javert desapareceu realmente para ele, se não existe mais aquele pai ilusório, se naquela tarde foi sincero com Blai quando disse a ele que a vocação é uma invenção e que já não se sente policial.

— Mais ou menos — responde Melchor.

Cosette deixou de olhar para ele e encara o vazio.

— E se algum dia os maus pegarem você? — pergunta.

— Não vão me pegar — diz Melchor, segurando a mão de Cosette, um punhado de ossinhos envolvidos em carne aveludada. — Além disso, daqui a pouco vou deixar de ser policial e vou trabalhar na biblioteca.

— Como a mamãe?

— Exato.

— Mas, se você deixar de ser policial, os maus podem vencer. — Faz uma pausa e acrescenta: — Você não se importa que eles vençam?

— Claro que me importo. Mas não vão vencer: há policiais muito bons. Blai, por exemplo.

— Eu sei — diz Cosette, virando-se para ele outra vez. — Mas você é o melhor.

A filha o observa com uma seriedade quase adulta.

— Vamos — replica Melchor. — Não seja puxa-saco.

Cosette demora um segundo para rir, então pede ao pai que leia outro capítulo de *Miguel Strogoff*. Melchor aceita e, ao terminar, anuncia que por aquela noite chega de leitura. Cosette lhe pede outra coisa: que continue ali até ela adormecer. Melchor diz que sim e apaga a luz. Quase no escuro, com o quarto iluminado apenas pelo tênue feixe que chega do corredor, permanecem um tempo lado a lado, de mãos dadas, escutando no silêncio os ruídos do povoado. Cosette ainda está de olhos abertos quando Melchor lhe pergunta, em um sussurro, se ela gostaria de passar uns dias em Barcelona.

— Na casa do Vivales? — murmura ela.

— Se ele nos convidar...

— Legal.

É a última palavra que a menina pronuncia naquela noite. Melchor não quer criar expectativas em vão, então em seguida lhe adverte de que ainda não é certeza. Nisso sua filha já começou a se perder no sono e ele compreende que não ouviu sua advertência, ou que a ouviu envolta em uma bruma indecifrável, e que, no fundo, já considerou a possibilidade um fato.

Certificando-se de que Cosette dormiu, Melchor solta a mão dela com cuidado, se levanta sem que o colchão ranja e, deixando a porta do quarto entreaberta, se dirige à sala. Durante um tempo, tenta ler no sofá *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós, mas mal consegue se concentrar, até que, por fim, acaba ligando para Vivales, que não atende. Um minuto depois, o advogado retorna a ligação com a pergunta de rigor, formulada com sua voz de aguardente e tabaco:

— Tudo sob controle?

Melchor responde que sim. Ouve ao longe um estrondo profundo, poderoso e ritmado de casa noturna.

— Onde você está? — pergunta por sua vez.

— Aqui — responde Vivales. — Bebendo um pouco. Espere um momento. — Melchor aguarda alguns segundos. — Pronto. — O barulho cessou. Fica evidente que, esteja onde estiver, Vivales foi para a rua. — Como vão as coisas? Eu liguei para você o dia todo.

— Eu sei.

— A menina está aí? Passe para ela, vamos.

— Está dormindo. Sabe que horas são?

Não há resposta.

— Viviales? — pergunta Melchor.

— Um minuto, por favor.

Ouve algo que ao princípio lhe parece um diálogo civilizado, depois uma discussão mais elevada e, então, uma confusão de bêbados, tudo isso culminado por uma espécie de latido humano.

— Desculpe, Melchor. — Viviales volta ao telefone. — O que estava dizendo?

— O que houve? — pergunta Melchor, por sua vez.

— Nada — responde Viviales, de má vontade. — Só o dono do boteco, muito fino, que me veio com a história de que não é permitido sair à rua com os copos. Fala sério. Eu ameacei processá-lo. Barcelona está ficando insuportável, rapaz: suja como Nápoles e puritana como Genebra. Em resumo, o pior de cada cenário. Do que estávamos falando?

— De nada — diz Melchor. — Mas pensei uma coisa. O que acharia de Cosette e eu passarmos uns dias em sua casa?

— Não precisa nem perguntar. Quando vocês vêm?

— Ainda não é certeza. E não seria por muito tempo.

— Quanto precisar. Eu já cansei de dizer que minha casa é sua casa. Além do mais, com a desculpa de ter vocês aqui, vou tirar uns dias de folga: estou de saco cheio de trabalhar.

— Não precisa fazer isso por nós.

— Não é por vocês, não. Vou fazer por mim.

— Obrigado. E me diz outra coisa: você conhece alguém na Prefeitura?

— Na Prefeitura? Mas o que está achando que sou, rapaz? Eu só me trato com gente honrada, e é mais fácil encontrar uma puta virgem que um homem honrado na Prefeitura.

— Não estou me referindo a políticos, Viviales. Bom, não só. Quem sabe funcionários, gente que trabalhe para o governo...

— Ah, bom. Ainda assim, tem muito ladrão e muito sem-vergonha, mas também tem meu amigo Manel Puig.

— Puig?

— O cara que você deixou com olho roxo enquanto cuidava da minha casa no dia em que veio buscar Cosette, quando se encerrou o caso Adell. Lembra?

— Claro que lembro. Você que não lembra que nós nos vimos não faz muito tempo na sua casa, com aquele outro... Como se chama?

— Chicho Campà.

— Isso. Mas eu não sabia que Puig trabalhava na Prefeitura.

— Ele não trabalha lá. Mas é arquiteto, e de vez em quando o escritório dele faz projetos para eles.

— E ele conhece a prefeita?

— Não faço ideia. Por que você mesmo não pergunta a ele? Quer que eu marque um jantar para comemorar que vocês vêm a Barcelona?

— Seria perfeito. Convide Campà também.

— Nem precisaria. Os dois andam sempre juntos, como Ortega y Gasset.

— Quem?

— Deixa quieto. Então, quando vocês vêm?

— Logo. Talvez amanhã à tarde. Ligo assim que souber.

— Porra, que boa notícia, rapaz. Vou agora mesmo tomar uma para comemorar. Tchau.